

# Ações pedagógicas humanistas 1

## A professora “eventual”

Há um ditado chinês que diz: Não vá por onde leva a trilha. Em vez disso, siga por onde não há trilhas e deixe seus rastros. A professora Silvia Aparecida do Nascimento, associada da BSGI e da Coordenadoria Educacional, decidiu que não utilizaria a trilha natural. Enquanto o natural do ser humano é buscar a zona de conforto o mais rápido possível, o que na docência significa conseguir uma classe e se tornar titular, Silvia preferiu ser eventual. Ela fez seu relato de atividades no 2º Fórum de Educação Humanista, promovido pela Coordenadoria Educacional da BSGI, no último dia 3 agosto, no Centro Cultural Campestre, localizado no município de Jandira, na Grande São Paulo. “Para trabalhar valores em que acredito com os alunos é necessária certa liberdade e distanciamento da pressão que os professores recebem em relação a cumprir o programa, passar os conteúdos, atingir metas de desempenho etc”, explicou. Assim assumiu a docência “eventual”. “É aquela que está sempre disponível para amparar os alunos quando os outros professores ‘faltam!’”, exclamou.

Dessa forma, Silvia tem o privilégio de se encontrar com alunos desde a 5ª série até o 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Prof.º Walter Sheppis que fica localizada no município de Vicente de Carvalho, no município de Guarujá, litoral sul do estado de São Paulo.

Incrustada em uma região cercada por três favelas – seus alunos chegam a ir armados à aula. “Já vi muitos portando armas em sala de aula. Minha dificuldade maior é que meus colegas professores já não têm mais paciência com estes alunos; desistiram deles”, ilustra.

Incentivar o hábito saudável da leitura foi sua principal meta, pois trata-se de sua grande paixão. Embora o caminho fosse difícil, perseverou. Compilou em uma pasta as histórias que mais a encantaram ao longo da vida, alinhavando-as com as histórias de vida de seus educandos. Buscou conhecer bem as dificuldades das classes mais violentas e percebeu que muitos alunos afirmavam “odiar” suas mães. A partir disso soube onde deveria focar suas histórias. Rodas de conversa, pesquisas pontuais sobre a situação destes seres humanos com tantos problemas taxados de alunos “que não têm mais jeito” e muita paciência foram suas “armas” para vencer a resistência.

“Vocês querem lição ou diversão?”, perguntou Silvia. Não por desejar passar a ideia de que lição seja um castigo, mas com o propósito de fazer um contraponto entre as suas ações de forma que eles compreendessem e pudesse se aproximar deles. Muitos alunos, no início, olharam desconfiados imaginando que levariam um sermão se escolhessem a diversão. “É a mesma coisa, não é mesmo?”, perguntou a professora à plateia. Sua estratégia teve

como propósito dar aos alunos a ideia de liberdade de escolha. É como afirma o poeta Holderlin: Onde há escolha, há liberdade! É isso que ela desejava que sentissem: um empoderamento ao assumir suas escolhas. Havia tanta desconfiança que Silvia demorou um bocado até convencê-los de que ela realmente desejava que eles escolhessem a diversão.

Silvia buscava trabalhar sempre com duas aulas seguidas, assim tinha condições de realizar uma verdadeira Contação de História. "Em minha performance eu pego no braço, eu busco envolver com respeito e carinho, eu não desisto enquanto não consigo um 'olho no olho'...", afirma. Silvia envolve-se na história e sempre tem um foco, imperceptível aos alunos, mas a professora pesquisou e focou-se nos problemas deles. Sem perceber seus alunos estavam aprendendo a gostar dos livros, ainda que travestidos em uma singela e enorme pasta.

Certo dia a professora eventual foi designada à sala de um aluno muito difícil. Alex (nome fictício) era o terror de todos os professores. Só o que se ouvia era "ai, vou pra sala do Alex!" De tanto ouvir tais lamentações, Silvia passou a intimamente temer o tal garoto. Em vez de sucumbir a esse pensamento, procurou informações sobre ele. Mas ninguém sabia nada dele, nenhum dos colegas tinha se interessado em conhecê-lo. Mas de tanto insistir, descobriu que a irmã dele já havia sido sua aluna. Ao contatá-la soube que ele apanhava o tempo todo em casa e a única coisa que todos sabiam é que ele, o Alex é que era violento.

Pois decidiu que iria tocá-lo. Escolheu uma história bem chocante que no final a mãe da personagem morria e não tivera tempo para confessar o quanto a amava. "Quando terminei de contar a história, postulei: quando chegarem em casa digam às suas mães que vocês a amam", contou Silvia. O tal "aluno-problema" se levantou, olhou para Silvia e apaludiu. A professora pensou: ele está me gozando. "Mas eu olhei nos olhos dele e fiquei sem palavras! Uma pessoa que fala tanto quanto eu falo! Imaginem: ficar sem palavras", disse. Silvia não agüentou, sucumbiu às lágrimas. Isso acontece muito isso em suas aulas. Emoção, valor humano quase em extinção nas salas de aula de todo país, trocada – infelizmente – pela sua antítese: confronto, competição, desrespeito, desamor.

Outro exemplo: na mesma sala havia uma menina que não a suportava. Assistia a todas as aulas, menos a dela. Mas de tanto ouvir os comentários dos colegas, um dia ela decidiu ficar e assistir à aula de Silvia. Os alunos então pediram a mesma história, porque ela – a menina – precisava ouvir. Enquanto contava olhava para a menina disfarçadamente. Percebeu que periodicamente resmungava com uma amiguinha: "ai, não é possível, eu não vou chorar, eu não vou chorar!". A outra menina também não acreditava que ela choraria. E Silvia pensando em como ela própria detestava chorar em público e no quanto tinham em comum. Quando terminou a história a menina não conseguiu se conter e desabou em um choro sentido. E novamente toda a sala aplaudiu com o mesmo entusiasmo da primeira vez.

A história correu os corredores, pátio, salas. Todos queriam saber como é que Silvia conseguia arrancar aplausos de suas "plateias". "Eu, sinceramente, não sabia o que responder", disse a professora, "eu estava apenas seguindo as orientações do meu mestre, dr. Daisaku Ikeda, que afirma que é preciso amar os alunos como se fossem nossos filhos. Estava somente aplicando a Educação Humanista Soka, mas sem ter consciência disso", enfatizou.

Silvia ressaltou que a grande diferença lhe foi proporcionada pela Coordenadoria Educacional da BSGI que elucidou-lhe os conceitos da Teoria de Criação de Valores de Tsunessaburu Makiguti. "Sou uma verdadeira educadora humanista e não – como pensam alguns – uma professora "eventual" porque não tem sua classe", afirmou resoluta.

O resultado final deste trabalho é que os alunos estão querendo reativar a biblioteca da escola que está interdita. "Eles agora querem abrir a biblioteca! Precisa dizer mais alguma coisa?", finalizou a professora humanista.